

FMS	CPM	GERIN
BIBLIOTECA		
Jornal	A Faule	
Data	01.04.91	
Caderno	Página	
3	1	
Seção		
Assunto		
Habitação		

Palafitas ainda causam perigo na Av. Suburbana

O grave quadro social que envolve a moradia sobre palafitas, principalmente na área da Baía de Lobato, na Avenida Suburbana, continua a revelar-se como um exemplo máximo de discrepância da política de concentração de renda ainda vigente no País. Cerca de 200 mil pessoas habitam as palafitas, a maioria desempregada. As crianças não dispõem de qualquer escola.

Os moradores apontam a necessidade de melhoria das pontes que funcionam como verdadeiras ruas entre os barracos. Na Avenida França Teixeira, após o Boiadeiro, na Avenida Suburbana, são citados diversos casos de crianças afogadas. "A mãe sai para fazer biscoite e não tem com quem deixar o filho. Quando volta, só encontra o corpo na maré", afirmam. Há também um número crescente de menores acidentados enquanto brincam, pela fragilidade das tábuas.

Há três semanas, Maria Bernardina do Espírito Santo, 50 anos, despenhou de uma das pontes e teve a perna (na altura da virilha) atravessada por uma vigota. Ela disse já ter caído da ponte por cinco vezes. Desta última vez, teve que passar 18 dias internada no Hospital Geral do Estado e ainda não está de todo recuperada. Ela reivindica um outro local para morar e que seja feito o entulho do lugar, como ocorreu no Jardim Cruzeiro e no Lobato, para que possam ter melhores condições de moradia.

Segundo Blenivaldo Virgens dos Santos, "não dispomos de módulo policial, creche nem associação de moradores. Falta uma liderança para organizar a comunidade". O lixo, até mesmo com animais mortos, é lançado, em meio aos barracos, à área alagada. "Quando a maré vaza, leva os dejetos; quando enche, traz tudo de volta", conta. Outros moradores reclamam da ação de ladrões e dizem que "os policiais têm medo de vir aqui". Blenivaldo, desempregado há três anos, vivendo de biscoites (principalmente como entregador de refrigerantes em caminhões), diz que quando chove a ponte fica escorregadia; e se houver vento forte, balança os barracos, sobre o mar e a lama.

Hélio Santos Souza, empregado em um supermercado, considera tudo um "paraíso", como quem sublima toda a miséria e adapta-se ao meio. Um outro morador, que não quis se identificar, criticou o fim da Hamesa, empresa criada durante a segunda administração do governador Antonio Carlos



Foto: Carlos Santana

As crianças são as maiores vítimas nas "armadilhas" de Alagados

Magalhães. Segundo ele, "a substituição pela Urbis significou o completo abandono dos que vivem em palafitas. A maioria aqui não sabe nem sobre a existência da Urbis".

Os sistemas de fiação elétrica — a Coelba fornece o tronco, mas cabe aos moradores fazer a instalação — são outras fontes de risco, com constantes curtos-circuitos e choques em crianças. O abastecimento de água obedece ao mesmo procedimento: a Embasa fornece uma linha-tronco e os moradores providenciam os encanamentos e a instalação. Vazamentos

existem por toda a parte. Muitos barracos têm despencado por falta de reparos ou troca de madeiras. Os desempregados, principalmente mulheres, subsistem desfazendo-se de alguns bens adquiridos, seja um ou outro eletrodoméstico, mas constantemente são mesmo utensílios pessoais, como no caso de Jacira Santos, que tentava vender uma camisa do marido para providenciar uma feira. Longe do Palácio do Planalto ou do Palácio de Ondina, distante dos bairros classe média, ali também constrói-se o futuro (ou a danação) do Brasil.